

A LÍNGUA HEBRAICA E O NACIONALISMO JUDAICO
THE HEBREW LANGUAGE AND THE JEWISH NATIONALITY

Carmia Kotler*

RESUMO

A definição da nossa identidade muitas vezes é percebida pela forma que o outro nos vê.

Em 1922 Winston Churchill relatou todas as conquistas da sociedade judaica em *Eretz* Israel nas últimas três gerações. Entre essas contou que todos os seus assuntos são tratados em hebraico, que é a língua falada, e jornais em hebraico servem as necessidades da sociedade.

Esse relato poderia existir graças aos pioneiros que chegaram em *Eretz* Israel nas primeiras ondas de imigração, e assumiram para si a importância da renovação da oralidade em hebraico. Com essa escolha consciente, garantiram o renascimento da língua hebraica como parte muito importante da renovação da nacionalidade judaica.

Palavras chave: Identidade. Nacionalidade. Hebraico.

ABSTRACT

The definition of our identity is often perceived by the way the other sees us. In 1922 Winston Churchill described all the achievements of Jewish society in *Eretz* Israel in the last three generations. Among those was the fact that all its affairs are dealt with in Hebrew, which is the spoken language and newspapers in Hebrew serve the needs of society.

This could exist thanks to the pioneers who arrived in *Eretz* Israel in the first waves of immigration, and assumed for themselves the importance of the renewal

* USP, doutoranda
carmia.kotler@gmail.com.br

of orality in Hebrew. This conscious choice, ensured the rebirth of Hebrew as a very important part of the renewal of Jewish nationality.

Key-Words: Identity. Nationality. Hebrew.

O nacionalismo judaico

“De todas as características atribuídas ao povo judeu, uma é realmente típica: a mobilidade.” (MILO, 1992, p.6)

Até meados do século XVIII, para o judeu que vivia na Europa o território europeu era um só espaço, onde se comprava e vendia mercadorias, se estudava e se casava. Nas suas andanças, ele se hospedava em casas de parentes, ou junto à comunidade judaica local, e tinha contato somente com outros judeus; não havia fronteiras, e qualquer lugar onde houvesse judeus tornava-se sua casa.

Com a falta de raízes físicas, os judeus viviam abraçando as idéias do passado glorioso de seu povo, da Bíblia, da língua hebraica, da designação de ser o povo escolhido, da solidariedade e da ligação espiritual com a terra prometida, a sua pátria, *Eretz* Israel. Mesmo assim, somente poucos deles foram para lá, vivendo uma passiva esperança da vinda do messias. (ETINGER, 1978, pp. 9-20; MILO, 1992, pp.6-9)

No final do século XVIII ocorreram três acontecimentos mundiais que influenciaram a vida na Europa:

1. A Independência dos Estados Unidos em 1776 que trouxe a democracia, separação entre Estado e religião, igualdade entre os homens e liberdade religiosa.
2. A Revolução Francesa em 1789, que resultou na igualdade de direitos para todas as classes sociais.
3. O Iluminismo, que baseou a vida moderna na ciência, na lógica e na liberdade de expressão. (KOTLER, 1998, pp.1-4)

Esses fatos impulsionaram o aparecimento de movimentos nacionalistas que enfatizaram a unicidade territorial, cultural, social, étnica e idiomática de cada grupo. Assim, ao longo do século XIX houve mudanças nas fronteiras e grandes impérios se dissolveram em novos países nacionalistas, nos quais os habitantes ganharam uma vida de igualdade de direitos.

Vivendo nessa realidade, muitos judeus queriam pertencer a essas novas nações. Para conseguir isso eles aprenderam a falar a língua local, aceitaram a cultura e os costumes e começaram a ter contato, em todos os aspectos da vida, com seus vizinhos não judeus, pois os *maskilim* (iluministas judeus) acreditavam que era preciso viver, estudar e trabalhar junto a eles. (GOLDSTEIN, 1994, pp.15-42; ETINGER, 1978, pp.9-20)

O movimento nacionalista judaico se apoiou no passado do povo representado principalmente na Bíblia, e assim ganhou a legitimidade social. Desta forma, o passado deixou de ser um passado morto, selado sem mudanças, e com a consciência histórica voltou ao presente parecendo objeto forte e seguro sobre o qual seria possível construir o futuro.

Assim foi estabelecida a identidade nacional judaica, baseada na combinação entre o povo, *Eretz Israel* (a terra de Israel), a língua hebraica e a história do povo judeu. (ALMOG, 1985, pp. 405-421)

As novas gerações assimilaram a história e os estudos judaicos através de jornais, obras literárias e rede de educação judaica. Eles se afastaram da tradição que se baseava no *Talmud*ⁱ e usaram a Bíblia como fonte de conhecimento de um passado glorioso e também para a renovação do uso da língua hebraica, principalmente na literatura.

No final do século XIX e principalmente no início do século XX, os judeus que imigraram para *Eretz Israel* e lá permaneceram, fizeram-no porque carregaram consigo a ideologia da renovação nacional do povo de Israel na Terra de Israel. Eles sabiam que para isso teriam que sacrificar o seu próprio conforto. Somente assim seria possível alcançar essa meta em comum e realizar um papel muito importante dentro da história.

Apesar de os imigrantes pertencerem a linhas e ideologias diferentes, dentro da pequena comunidade judaica em *Eretz Israel* da época, a força da

ideologia de renovação nacional foi mais intensa do que todas as diferenças sociais e ideológicas. (KATZ, 1970, p.9-20)

O hebraico em *eretz israel* antes da primeira *aliá*ⁱⁱ

Nos meados do século XIX começaram escavações arqueológicas na terra de Israel e em todo o Oriente Próximo. Nessas, foram descobertas inscrições em hebraico como, por exemplo, a inscrição de *Shiloah*ⁱⁱⁱ, revelada em 1880. Os judeus de Jerusalém olhavam para esses achados como se viessem a concretizar o chamado para a renovação do hebraico.

Aqueles que sonhavam com o renascimento da língua hebraica viam nisso um incentivo muito grande. Eles habitavam Jerusalém, onde, milhares de anos antes, viviam seus antepassados que contavam em hebraico as suas ações. (ORNAN, 1977, p..90-94)

O grande número de turistas que chegaram à região para ver as novas descobertas incentivou esses habitantes a tentar viver fora da muralha, com uma meta de não depender mais do dinheiro vindo da diáspora. Desta forma, poderiam se tornar uma sociedade produtiva que viveria do seu próprio trabalho.

Eles construíram oficinas, abriram jornais em hebraico com editoração própria e alguns começaram a trabalhar como agricultores. O hebraico serviu como forma de comunicação entre asquenazitas e sefaraditas.

O renascimento do povo como nação que fala hebraico em *Eretz Israel* começou antes de que Eliezer Ben Yehuda trouxesse o hebraico como a língua da renovada nação, e antes de que os primeiros *halutzim* (pioneiros) lá chegassem em decorrência das perseguições na Europa.

Os amantes de Sião

Nos primeiros meses após os *pogroms*^{iv} de 1882 na Rússia, conselhos judaicos se formaram com a meta de achar soluções para livrar os judeus que estavam sofrendo com as perseguições na Rússia. Desde o começo, esses grupos padeceram com a falta de uma linha ideológica central que os guiasse.

Devido ao alto número de sugestões, nenhuma foi forte o suficiente para reunir a todos.

Um desses grupos se estabeleceu em 1882 na cidade de *Harkov*, Ucrânia, a organização *BILU – Beit Yaacov Lechu Vê Nelcha*, que teve papel crucial no estabelecimento do primeiro movimento nacionalista judaico e se tornou o símbolo dos Amantes de Sião.

O que diferenciou os *biluim* (integrantes da organização BILU) do restante dos Amantes de Sião foi o fato de acreditarem na necessidade de elaborar uma ideologia definida e de dar exemplo próprio para poder realizar suas metas. Assim, eles criaram um estatuto, que foi concluído somente em *Eretz Israel*, no qual detalhavam as funções e obrigações ao se estabelecer lá:

- Influenciar a vida de todos os habitantes judeus;
- Metade dos *biluim* deveria trabalhar como agricultores e a outra metade trabalharia no comércio, na educação e em profissões liberais.
- Eles não deveriam morar apenas em um lugar, mas sim onde houvesse judeus e assim ajudar na construção do país.
- Eles planejaram a constituição da *moshava*^v como um estabelecimento central, onde os fundadores seriam jovens solteiros, e tanto sua terra como seus bens pertenceriam a todos os integrantes da comunidade. Nesse lugar haveria uma escola agrícola, os jovens aprenderiam a se defender e a lutar, e a língua do lugar seria o hebraico^{vi}.

“A *moshava*, característica à primeira aliá, transformou-se em um microcosmos da vida judaica em *Eretz Israel*. Os seus fundadores foram os pioneiros a desenvolver a agricultura hebraica; criaram sistema para processamento de produção agrícola e a sua comercialização nas cidades, inclusive na Europa; estabeleceram as bases para um sistema de educação hebraica nacional, a primeira do seu tipo no mundo. As escolas nas *moshavot* (*plural de moshava*) contribuíram muito para a propagação da oralidade em hebraico e para a criação de conteúdos cultural-nacionais novos.” (SHILO, 1992, p.85)

Os *biluim* que imigraram para *Eretz Israel* seguiram o seu estatuto e viviam dentro das comunidades já existentes nas cidades, construíram a

moshava Gdera e estavam envolvidos no estabelecimento de outras *moshavot*. A sua forma de olhar e planejar um vasto assentamento em *Eretz Israel* não se concretizou durante a primeira *aliá*. Mas foi o formato adotado pelos imigrantes da segunda.

Eliezer ben yehuda

Como outros alunos de *yeshiva*^{vii} sob influência do Iluminismo, Ben Yehuda leu obras europeias traduzidas para o hebraico e percebeu que era possível usar o idioma também para assuntos laicos e atuais que não fossem ligados a ética ou a religião.

Peretz Smolanskin, editor chefe do jornal “*Hashahar*” teve grande influência sobre o caminho percorrido por Ben Yehuda. Ele alegou que o povo judeu é o povo do livro e não precisa de um território ou governo próprio para se resguardar da assimilação mantendo a sua identidade. Seria suficiente viver com a consciência de que os judeus têm história em comum, tendo sido transmitida na sua principal parte pela Bíblia, e que possuem uma língua em comum também bíblica, o hebraico. O hebraico tem que se renovar e se transformar num instrumento de educação moderno que ajudará o povo a melhorar o seu destino. (PELMAN, 1977, p.81-83)

No seu artigo *Sheela Nichbada – Lohata* (pergunta de peso, urgente),^{viii} Ben Yehuda trata a situação dos judeus na Europa e diz que se o povo búlgaro pode ser considerado nação, os judeus também podem, pois constituem um grupo de pessoas com direito a uma existência política independente, que vive no seu próprio país e fala seu próprio idioma. Aos olhos de Ben Yehuda o fato de o hebraico não ser uma língua falada não parecia problema. Em sua

opinião, os judeus deviam imigrar e habitar Israel e começar a falar a sua língua, cuja maioria conhecia muito bem. (BEN YEHUDA, 1879)

Ben Yehuda imigrou para *Eretz Israel* em 1881, foi morar em Jerusalém e começou a falar hebraico. Dentro da comunidade judaica local havia três idiomas dominantes: *iidische*, dos asquenazitas; ladino, dos sefaraditas; e árabe, falado pelos judeus vindos do Oriente Médio e Norte da África. Quando eles se encontravam na feira ou situação parecida, eram obrigados a falar hebraico, *Lashon Hakodesh* (A Língua Sagrada), a única conhecida por todos.

Em 1882, Ben Yehuda aceitou o convite para ensinar hebraico na escola *Torah ve Melacha*, da Aliança Francesa em Jerusalém. Seu diretor, Nissim Bahar, entendeu a importância do idioma na sua escola. Seria a primeira vez na história de Jerusalém que crianças asquenazitas e sefaraditas estudariam na mesma classe, tendo uma única língua de comunicação entre eles.

O método usado por Ben Yehuda foi “Hebraico em Hebraico” (*Ivrit be Ivrit*), sem tradução de nenhuma palavra para outra língua. O resultado foi que, após poucos meses, os alunos com sete anos de idade conseguiam conversar livremente entre eles em hebraico. (PELMAN, 1977, p..87-88.)

Ben Yehuda teve contato com os *halutzim*, pioneiros da primeira e da segunda *aliá*, que lhe ajudaram a concretizar as ideias, pois estavam abertos a novas propostas e eram capazes de aprender o idioma de forma suficiente para ser usado de comunicação entre eles. Depois, levariam o hebraico para suas casas, ensinariam seus pais, e passariam como herança para os seus filhos.

Dessa forma, a língua reviveria da boca das crianças. “Uma língua que o bebê aprende ao mamar do seio da sua mãe”, como definiu Yehuda Leib Ben Zeev na sua publicação de 1807^{ix}.

O sucesso do método foi tamanho que, no final do século XIX e começo do XX, serviu como exemplo para outras escolas nas cidades, além das *moshavot* dos *biluim* e dos outros imigrantes da primeira *aliá*. Com o passar do tempo, as aulas de matérias como: matemática, história e ciências eram proferidas em hebraico.

O alastramento da rede de educação trouxe desenvolvimento do hebraico de tal forma que, em 1914, após a “guerra das línguas”^x, ele se tornou o idioma oficial no *Technion*, símbolo de educação científica de nível superior em Eretz Israel.

Dessa forma, Jerusalém, com a sua população religiosa e os assentamentos, com a sua população mais liberal aberta as novidades, tornaram-se muito importantes no processo do renascimento da língua hebraica. Eliezer Ben Yehuda foi o primeiro que mostrou a ligação existente entre o renascimento da língua hebraica e o renascimento do povo na sua terra, *Eretz Israel*.

Cecil Roth disse: “Antes de Ben Yehuda os judeus poderiam falar hebraico, depois dele, eles falaram”^{xi}.

A língua hebraica poderá ser uma língua nacional?

Os *maskilim* que moravam na Europa não conseguiram perceber a importância da oralidade do hebraico. Para eles, que viviam com a concepção europeia do termo “nacionalismo”, o importante era lutar para que o povo judeu tivesse a sua própria terra, baseando-se na história em comum e no hebraico bíblico como língua literária, sem a necessidade de transformá-lo num idioma de comunicação cotidiana.

A oralidade do hebraico não foi algo debatido na Europa, porque, em geral, os grupos de pessoas que se tornaram nações falavam o mesmo idioma. Esses grupos tentaram alcançar a legitimidade de existir como nações, através da transformação da língua falada numa língua escrita, literária, algo que o hebraico já tinha^{xii}.

Ben Yehuda, com o seu fervor para inserir a oralidade em hebraico dentro da vida cotidiana dos judeus, conseguiu trazer uma revolução na concepção nacionalista, acrescentando o conceito da renovação da oralidade da língua hebraica a dois outros conceitos: o renascimento do povo e o renascimento de Israel.

Desta forma, os *maskilim* na Europa começaram a debater sobre a importância do hebraico dentro do movimento nacionalista. Um deles, Ahad Há-Am escreveu artigos em hebraico sobre a importância do uso desse idioma como uma língua nacional. Ele argumentou contra aqueles que queriam considerar o *íidische* a língua nacional do povo. (PARFITT, 1983, p.12-27)

Em *Riv Haleshonot* (a discussão das línguas) ele escreveu, com muita ironia: “Pense, uma nação com milhares de anos de idade não sabe qual é a sua língua nacional...^{xiii}” Na continuação do artigo Ahad Há-Am enfatiza que o judeu lê em *ivrit* (hebraico) porque ele é *ivri* (hebreu). E por ser hebreu, sente ligação interna e espiritual com a língua nacional.

Ahad Há-Am leva o assunto adiante e argumenta: ao alegar que o *íidische* é a língua nacional, há um rompimento com a nacionalidade e com a história do povo judeu. E pergunta: como seria possível serem reconhecidos pelas nações como uma nação independente, já que os próprios judeus fizeram esse rompimento com o passado do povo?

Outros *maskilim* e escritores judeus da época acreditaram que seria impossível alcançar o renascimento da oralidade da língua hebraica. Entre esses estava Mendele Moher Sefarim. (RABIN, 1972, pp.51-52) Em 1895, Hertzl escreveu em *Medinat Hayehudim* (O país dos judeus) que seria impossível ter o hebraico como a língua do novo país, porque o povo não a conhecia. E acrescentou: “Quem de nós sabe suficiente hebraico para poder comprar bilhete de trem?”

Considerações finais

A definição da nossa identidade muitas vezes é percebida pela forma que o outro nos vê.

Em 1917, o General Alenby, ao conquistar Jerusalém, publicou um manifesto em algumas línguas. De um lado no idioma do conquistador: inglês, francês e italiano e, do outro, nas línguas do lugar conquistado, nessa ordem: hebraico, árabe literário, grego e russo.

Em 1922, no Livro Branco, Winston Churchill alegou que a Declaração Balfour realmente se realizou. Nesse livro ele relata todas as conquistas da sociedade judaica em *Eretz* Israel nas últimas três gerações, e dentre elas a seguinte observação: “todos os seus assuntos são tratados em hebraico, que é a língua falada, e jornais em hebraico servem as necessidades da sociedade”^{xiv}

Com a chegada dos *halutzim* da segunda *aliá*, o hebraico enfrentou o seu grande teste de existência. Diferentemente da situação no final do século XIX em *Eretz* Israel, onde havia asquenazitas e sefaraditas de vários países morando juntos e cuja língua em comum seria o hebraico, a maioria dos novos pioneiros vieram da Rússia e falava *íidiche*. Eles não precisavam do hebraico para se comunicar.

Mas justamente esse público, que não tinha a necessidade de aprender e usar uma língua nova, assumiu para si a importância da renovação da oralidade em hebraico. Com essa escolha consciente, garantiu o renascimento da língua hebraica como parte muito importante da renovação da nacionalidade judaica.

Bibliografia

AHAD HÁ-AM, *Riv Haleshonot* (a discussão das línguas. Disponível em: <http://benyehuda.org/Gnz_082.html> Acesso em 18/10/2009

ALMOG, SHMUEL. *Hamemad Hahistory shel Haleumiut Hayehudit* (A Dimensão Histórica do Nacionalismo Judaico). In Zion 53, 4, Sociedade Histórica Israelense, Jerusalém, 1985.

BEN YEHUDA, ELIEZER. *Sheela Nichbada – Lohata* (pergunta de peso, urgente) Paris, dia 13 do mês de Adar, 1879. Disponível em: <<http://benyehuda.org/by/sheela.html>> Acesso em 25/10/2009

BEN, ZEEV; YEHUDA, LEIB. “*Otzar Hashorashim*” (o Tesouro das Raízes) Vilna 1807 in Ben-Hayyim Ze`ev, The Historical Unity of the Hebrew Language and its Division into Periods. In *Language Studies*, Editor Bar-Asher Moshe, Academon Jerusalem, 1985

ETINGER, SHMUEL. *Yichuda shel Hatnua Haleumit Hyehudit*, (A Singularidade do Movimento Nacionalista Judaico) in *Ideologia Ve Mediniut Tzionit* (Ideologia

e Política Sionista) Editores: Ben Tzion Yehoshua e A. Keidar, Centro Zalman Shazar, Jerusalém, 1978.

GOLDSTEIN, JOSEPH.. *History of Zionism, 1881-1914*. (em hebraico) Tel Aviv: The Open University, 1994.

KATZ, JACOB. *Hatnuá Haleumit Hayehudit, Nituaach Sotzioloy* (o Movimento Nacional Judaico, Análise Sociológico) Bitfutzot Hagola, 12, 1/2 (52/53) Departamento de Organização e Propaganda da Agência Judaica, 1970.

KOTLER, CARMIA. *Israel Sipur Shel Medina* (Israel, a História de um País). São Paulo: Renascença, 1998, p. 1- 4.

MILO, DANIEL S. "*Mavo alef: Tfissat Hamerchav* (Prefácio A: a Concepção do Espaço)". In *A historical Atlas of the Jewish People*, Editor chefe Elie Bar-Navi, editor da versão em hebraico Muli Meltzer. Tel Aviv: Yediot Achronot, 1992.

ORNAN, UZZI. "*Haivrit Keyotzeret Hevra Leumit*" (O Hebraico como Criador de Sociedade Nacional) in PELMAN, Jacob. *Diun: Eliezer Ben Yehuda ve Tchiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) Katedra, 2, 1977.

PARFITT, TUDOR. *Ahad Há-Am's Role in the Revival and Development of Hebrew*, In KORNBERG, Jacques. (editor). In: *At the Crossroad: Essays on Ahad Ha-Am*. New York: State university of New York Press, 1983.

PELMAN, JACOB. *Diun: Eliezer Ben Yehuda ve Tchiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) Katedra, 2, 1977

RABIN, HAYIM. *Ikarei Toldot Halashon Haivrit* (Pequena História da Língua Hebraica) Jerusalém: Agência Judaica, 1972.

------. *Haivrit Kebechira Retzonit Lelo Missud* (o Hebraico como Escolha Consciente e sem Formalidade). In PELMAN Jacob. *Diun: Eliezer Ben Yehuda ve Tchiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica), Katedra, 2, 1977

ROTH, CECIL. *Personalities and Events in Jewish History*, 1953, in PELMAN, Jacob. *Diun: Eliezer Ben Yehuda ve Tchiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) Katedra, 2, 1977

SHILO, MARGALIT. *Mitfissa Moshavit le Tfissa Yishuvit Klalit* (Partindo de uma Concepção de um Estabelecimento à Concepção de Assentamentos em Geral), Tzion, 57, 1 Organização Histórica Israelense, Jerusalém, 1992.

YAVNIELI, SHMUEL. *Sefer Hatzionot Tekufat Hibat Tzion volume 1* (O Livro do Movimento Sionista, a Época dos Amantes de Sião) Jerusalém – Tel

Aviv, 1981. In SHILO, Margalit. *Mitfissa Moshavtit le Tfissa Yishuvit Klalit* (Partindo de uma Concepção de um Estabelecimento à Concepção de Assentamentos em Geral), *Tzion*, 57, 1 Organização Histórica Israelense, Jerusalém, 1992.

ⁱ Compilação de leis e ensinamentos dos sábios judeus sobre a Bíblia escrita e a oral.

ⁱⁱ Imigração com a intenção de se estabelecer na terra de Israel.

ⁱⁱⁱ O rei Ezequias que viveu no século VIII a.E.C. escavou um túnel de 533 metros de comprimento que levou a água do rio Gihon para um reservatório dentro de Jerusalém. O ponto mais alto do túnel fica 0,30 cm acima da parte mais baixa. Isso quer dizer uma inclinação de somente 0,06% ao longo de todo o percurso. A escavação do túnel foi realizada por duas equipes de trabalhadores, que partiram de pontos opostos. O momento do encontro dos dois grupos foi registrado numa inscrição em hebraico que foi talhada na parede do túnel.

^{iv} Atos organizados de violência mortal contra os judeus.

^v Comunidade que mescla a agricultura com a vida urbana.

^{vi} "Meguilat Hatakanot Shel Bilu" (Livro do Estatuto de Bilu) in Yavnieli Shmuel; *Sefer Hatzionot Tekufat Hibat Tzion volume 1* (O Livro do Movimento Sionista, a Época dos Amantes de Sião vol. I) Jerusalém – Tel Aviv, 1981, p. 96. In Shilo Margalit; *Mitfissa Moshavtit le Tfissa Yishuvit Klalit* (Partindo de uma Concepção de um Estabelecimento à Concepção de Assentamentos em Geral), *Tzion*, 57, 1 Organização Histórica Israelense, Jerusalém, 1992, p. 67-69.

^{vii} Centro de estudos judaicos para homens.

^{viii} Ben Yehuda Eliezer, Sheéla Nichbada (Lohata) (Uma Pergunta Importante, Quente). *Pari*, 13 do mês de adar, 1879. <<http://benyehuda.org/by/sheela.html>>. Acesso em 25/10/2009.

^{ix} Ben Zeev, Yehuda Leib "Otzar Hashorashim" (o Tesouro das Raízes) *Vina* 1807:

"הלשון אשר תחדל להיות לשון מדברת ליונק הנעתק משדי אמו, אי אפשר להיותה שלימה עוד בפי הקונה

ותה בלמוד בימי גדלו בכל עניינה" יהודה ליב בן זאב

In Ben-Hayyim Ze'ev, *The Historical Unity of the Hebrew Language and its Division into Periods*; pp 10,11 in *Language Studies* Editor Bar-Asher Moshe, Academion Jerusalem 1985 pp 12,13

^x O auge das discussões a respeito do uso cotidiano da língua hebraica e seu uso como língua científica.

^{xi} CECIL, Roth. *Personalities and Events in Jewish History*, 1953, p. 136. In PELMAN Jacob, *Diun: Eliezer Ben Yehuda vé Thiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) *Katedra*, 2, 1977, pp.91

^{xii} RABIN, Hayim, *Haivrit Kebehira Retzonit Lelo Missud* (o Hebraico como Escolha Consciente e sem Formalidade) in PELMAN Jacob. *Diun: Eliezer Ben Yehuda vé Thiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) *Katedra*, 2, 1977, p 102-107.

^{xiii} *Ahad Haam Riv Haleshonot* (a Briga das Línguas). Disponível em: <http://benyehuda.org/Gnz_082.html> Acesso em 18/10/2009

"הגע בעצמך, אומה בת אלפי שנה אינה יודעת, איזוהי לשונה הלאומית. הללו אומרים: זו היא, והללו אומרים: לא כי זו היא, ובאים "רודפי שלום" ועושים פשרה: תהיינה שתי הלשונות גם יחד "לאומיות" ואל נא תהי מריבה בין אחים! ... פתחו ספרי ההיסטוריא של כל העמים והלשונות ובקשו היטב, אם תמצאו חזיון נפלא כזה!"

^{xiv} "Ornan uzzi Haivrit Keyotzeret Hevra Leumi" (O Hebraico como Criador de Sociedade Nacional). In PELMAN Jacob. *Diun: Eliezer Ben Yehuda vé Thiat Halashon Haivrit*. (Debate: Eliezer Ben Yehuda e o Renascimento da Língua Hebraica) *Katedra*, 2, 1977, p. 94.